



GASTELLO FA FFIRA; VISTO DO LADO DO SUDOESTE.

TEM assento a mui antiga villa da Feira em um valle ameno e dilatado, de ares saudaveis, a quatro leguas ao sul da cidade do Porto, e a quasi duas do mar oceano para o nascente. Referem alguns a data da sua fundação ao anno de 990; mas, como reflecte o judicioso P.^o Lima, não ha disso certeza. Todavia poremos aqui o que ao mesmo respeito escreveu o P.^o Carvalho — «que a povoaram pelos annos de 990 o duque Mem Guterres e o conde Mem Lucidio, juntamente com os senhores de Marnel, todos mui chegados em parentesco aos reis de Leão, donde se chamaram infanções (1) antigos de St.^a Maria, como se chama toda esta terra, de que foram senhores os condes da Feira, que por muitos annos moraram no seu castello, que está em logar eminente, e foi fundação dos mouros. » — (2)

Porem o que consta authenticamente, e sem detrimento da verdade se pôde afirmar, é que de remotos tempos entrou o senhorio da villa na illustre casa dos Pereiras Forjazes, descendentes do conde D. Mendo, que floreceu no reinado de D. Afonso o 1.^o de Leão, tendo um membro daquella familia passado a Portugal no principio do governo do nosso segundo monarcha, D. Sancho 1.^o Elrei D. Manuel, em 1515, creou conde da Feira a D. Diogo Pereira, senhor de Besteiros: (3) ha contudo quem diga que já o pai deste fidalgo gozará aquelle titulo, o qual continuou até acabar por falta de successão no reinado de D. Pedro 2.^o O Sr. D. João 6.^o renovou o titulo na pessoa de D. Miguel Pereira Forjaz.

A villa da Feira no seculo passado contava 250 visinhos; hoje dão-lhe 1300 habitantes n'uma só parochia da invocação do Divino Espirito Santo, que tem uma formosa igreja. O antigo termo era tão extenso, que comprehendia 76 freguezias com onze para doze mil visinhos: nelle estava a rica abbadia de Cucejães, de monges benedictinos, que segundo o Nobiliário do conde D. Pedro data do reinado de D. Afonso 6.^o de Leão, a povoação circumvisinha era Couto, em que os frades tinham jurisdicção e apresentavam juiz: ao mesmo termo pertencia o grande mosteiro de Grijó, de conegos regrantes de St.^o Agostinho, a cujo respeito pôde ver-se o que escrevemos a pag. 162 do vol. 4.^o, tratando do convento da Serra no Porto; e para maior noticia veja-se a 2.^a parte da chronica daquella congregação por D. Nicoláu de S.^ta Maria.

Esta villa e seus suburbios abundam em mantimentos; as terras em geral são fecundas e bem cultivadas. Pelo que respeita ao seu notavel castello escaças ou quasi nenhuma são as noticias dos nossos geographos (4).

É para lastimar que sendo este edificio um dos mais velhos monumentos de Portugal, e das mais perfectas antiguidades que hoje temos, ainda ninguem se lembresse de ter feito delle memoria ou descripção: a remotissima origem deste castello; as torres terminadas por coruchéus pontegudos, cujas cimas eram guarnecidas [e ainda hoje o são algumas] de grandes tulipas de granito; as heras annosas, que pelo andar dos tempos tem adquirido espartosa grossura, por maneira que subindo ás sumidades das torres, das ameias e das muralhas, for-

mam uma perspectiva melancholica, porem maravilhosa e picturesca; as videiras bravas e uma infinidade de plantas parasitas, inseparaveis companheiras das ruinas e dos monumentos solitarios e abandonados, que formam em alguns sitios brenhas impenetraveis, asylo seguro dos animaes habitadores das ruinas; as setteiras abertas no centro das ameias, nas quadrelas e lanços dos muros, torreões, e outros logares das muralhas, tornam, aos olhos do observador curioso ou do viajante instruido, este monumento, alem de mui interessante, digno de escrupuloso exame.

Mas ainda até hoje ninguem pôde acertar com quem fosse o fundador do castello; disseram uns que este monumento era obra dos romanos, affirmaram outros que seus edificadores foram os godos, firmando sua asserção no feito das setteiras em forma de cruz, e na existencia de uma especie de oratorio, que está no grande casão das quatro torres; outros finalmente asseveraram que era obra de mouros, que alli tiveram um rei, e que então se chamava *Lanéobriga*, nome que ainda hoje lhe corresponde em latim. Seja como quer que for, estas opiniões são todas fundadas em conjecturas vagas, ou tradições antigas, mas que não tem memoria ou monumento que as auctorise, e por mais diligencias que se tenham feito, não tem sido possivel achar inscripção ou signal que possa dar uma leve idéa de seus fundadores.

Nas chronicas portuguezas apenas se falla deste castello como um dos primeiros que D. Afonso Henriques tomou aos mouros, quando passou á margem esquerda do Douro, donde dista quatro leguas e meia; e diz a chronica do bacharel João Rodrigues Azenheiro, nas Memorias ineditas, volume 5.^o pag. 13: — que D. Afonso Henriques furtou dois castellos a sua mãe, hum delles Neiva, e outro o Castello da Feira, que he terra de Santa Maria. — Antes desta epocha consta ter sido povoada aquella villa pelo duque Mem Guterres, rico-homem, na era de 990, tendo ella então o nome de Santa Maria. Foi reputada cidade, e eram suas armas a imagem de N. Senhora com o menino nos braços sobre uma nuvem pousada n'um castello, a qual depois se chamou a *Senhora do castello velho*. Parece que os mouros se apoderaram delle na era de 1053 até que foram expulsos pelo sobredito rei D. Afonso Henriques.

Esta villa e suas dependencias foi o berço dos primeiros infanções de Portugal; e alem do testemunho de antigos escriptores, temos a chronica do insigne D. Marcos da Cruz, conego regular de St.^o Agostinho, e chronista da Congregação Cruzia, que nas memorias que escreveu do mosteiro de Grijó, situado exactamente entre o rio Douro e a villa da Feira, diz assim: — «Não se pôde duvidar de tudo isto, por ser a terra da Feira desde o anno de 900 a muito adiante habitada de gente illustrissima, em tanto que os privilegios, que os senhores reis destes reinos foram dando aos infanções, costumavam dizer que os haviam iguaes nas honras, e mais graças e isempções aos antigos infanções da Terra de Santa Maria, como o declarou o senhor rei D. João 1.^o nos privilegios que deu á cidade do Porto, Braga e Guimarães.» — A mesma chronica diz mais — que no mesmo districto da terra de Santa Maria havia vinte e quatro casas de infanções e ricos-homens no anno de 1337 e muitos annos para cá, que punham soldados, e lhes pagavam á sua custa; porem que pelo andar dos tempos se sepultaram as mais dellas no esquecimento, umas por extinguir-se a sua geração, outras por falta de meios com que possessem

(1) Vid. Panorama a pag. 45 do vol. 1.^o

(2) Confronte-se este dicto do P.^o Carvalho com a noticia incorporada no presente artigo.

(3) Veja-se o auctor da noticia que abaixo transcrevemos.

(4) A diligencia e zelo litterario do Sr. Vicente Carlos de Sousa Brandão, delegado do procurador regio na comarca de Agueda, deveso a noticia, que transcrevemos, e o desenho da nossa estampa, que o mesmo Sr. copiou em 1840.

sustentar seu lustre, outras finalmente por seus donos mudarem de habitação para outras terras ou provincias mais remotas. — Entre os poucos varões illustres de que faz menção, sobresaem especialmente D. Martim do Avellar, vigesimo mestre da Ordem d'Aviz, senhor que foi de S. Martinho de Argoucilhe, e um seu filho Lourenço Martins do Avellar, que floreceu em tempo de elrei D. Fernando, e que enriqueceu aquelle mosteiro de Grijó com as muitas terras e rendas que lhe deixou: faz igualmente menção de D. Diogo Forjaz Pereira, primeiro conde da Feira, e senhor da Terra de Santa Maria, cujo titulo lhe fôra conferido pelo senhor rei D. João 3.^o pelos muitos e mui valiosos serviços que este cavalleiro prestára a seu defunto pai o senhor rei D. Manuel nas conquistas da India. Esta chronica foi escripta pelo mencionado D. Marcos da Cruz no anno de 1640.

Tornando ao edificio do castello da Feira passaremos a analisa-lo em todas as partes mais notaveis, que se acham em menos máu estado de conservação: principiaremos pela parte principal, que é a casa das quatro torres. Este edificio, que tem a perspectiva de um templo mourisco, é realmente um alcaçar, o que se reconhece perfeitamente pela estructura das paredes, todas formadas de cantaria de granito. Cada parte é designada com caracteres particulares, e mostra-se que era dividido em dois andares e uma loja terrea. Sobre a abobada deste casão está o eirado, acima de cuja superficie sobem as quatro torres, uma das quaes dá subida para este sitio por uma escada de caracol, para onde se entra pelo segundo andar. Estas torres, alem do pavimento que fica paralelo ao eirado, tinham outro mais elevado quasi proximo aos coruchéus que serviam de guaritas ou mirantes, donde se descubriam as costas do mar desde o sul de Mira até quasi á foz do Douro; pelo lado de uma das outras torres sabia uma chaminé, que expedia o fumo de um grande fogão do segundo andar. — As outras duas eram guarnecidas de buracos quadrados, que indicavam terem servido de pombas.

Os coruchéus das quatro torres são pyramidas; nos angulos em vez de pyramides de pedra teem coruchéus maciços mais pequenos, sendo tanto uns como outros terminados por tulipas de pedra de granito, e formados de tijollos mui rijos com argamassa de cal misturada com pedaços de concha, donde se presume, ou que a cal era naquelle tempo feita de testaceos, ou que a misturavam com areia do mar, que hiam buscar á costa a distancia de duas leguas.

A superficie deste eirado é abaúlada para que as aguas das chuvas alli se não demorem. Ha nas suas extremidades um aqueducto, que d'antes recebia estas aguas e as conduzia por canos de alcatruzes de barro a uma grande cisterna formada dentro dos alicerces do casão. Tem alem disto um parapeito saliente da parte exterior da parede do nascente, e para o norte outro com dois grandes buracos redondos que serviam para por elles lançarem combustiveis e outras cousas que embarçassem o inimigo de apoderar-se da porta do alcaçar, que fica para o mesmo lado do norte, e que dava entrada por uma escada de caracol para o primeiro e segundo andar: todo o eirado é guarnecido de parapeitos e ameias abertas no centro com sétteiras em forma de cruz, mas estas ameias e parapeitos estão pela maior parte obstruidas de heras que se teem assenhoreado da maior porção das paredes.

O segundo andar immediato á abobada nada tem de notavel. Só n'um resto de cal que ainda existe

do lado do norte se conhece que fôra pintado em xadrez.

No primeiro existe como já se disse uma especie de oratorio guarnecido com duas pequenas columnas gothicas com capiteis da mesma ordem, e uma especie de throno com degraus de granito. Os que pertendem que este castello seja obra dos godos, auctorisam a sua opinião com a existencia deste oratorio, pelo feito das columnas; os que o attribuem aos mouros dizem que apenas era um armario para guarda d'alguns objectos que alli depositavam, mas a se-lo era desguarnecido de portas por não apparecerem signaes alguns que deem indicios dellas (5). Ha igualmente neste primeiro andar dois grandes fogões com chaminés que vão sahir acima do eirado, ambas feitas de pedra de cantaria. No andar terreo quasi a um canto existe a entrada para a cisterna, que se acha toda entulhada.

Uma das obra mais singulares deste monumento é um poço quadrado, que se suppõe ser de grande profundidade: é forrado de pedra de cantaria e a elle se desce por uma escada de caracol que lhe fica ao lado, guarnecida de grandes janellas ponteadas voltadas para o poço, e postas em linha perpendicular. Este poço suppõe-se muito entulhado, mas ainda existem quatro janellas livres na altura de 42 palmos (6).

Não pôde attingir-se o fim para que foi feito; suppõe-se todavia que fosse para terem agua de reserva quando acabasse a da cisterna: conjecturaram outros que dalli sabia uma estrada subterranea por onde podiam evadir-se os sitiados vendo-se em grandes apertos; outros finalmente disseram que por este poço iam buscar agua por um aqueducto subterraneo a um ribeiro que passa atravez da villa, mas tudo isto são conjecturas que não teem monumentos que as auctorisem. Existem duas estradas encurtadas perfeitamente conservadas, uma das quaes vai dar a uma esplanada de fórma quadrangular, guarnecida de muralha e ameias, e a outra vai desta esplanada dar ao fosso, de que apenas existem alguns vestigios.

O lado de sudoeste, que a nossa estampa representa, é o mais perfeito e picturesque; e com pequenos reparos pôde ainda durar no estado actual por muitissimos annos, assim o governo olhasse melhor pela conservação de monumentos, gloriosos adornos do territorio portuguez.

O MACROBITA.

(Continuado de pag. 362).

DEPOIS do golpe vibrado contra o estrangeiro, a honra, segundo certas idéas sociaes, estava vingada: a colera de Hasslinger apaziguou-se; já não via prostrado um inimigo, mas um mancebo bem parecido e animoso, a quem, por impaciencia e indignação, ferira talvez mortalmente: era chegada a occasião de sentir o remorso: Hasslinger commoveu-se profundamente. A expressiva physionomia do desconhecido, nesta segunda apparição, annuviada já pelas sombras da morte, apresentava aquelle ty-

(5) Esta ultima opinião é insustentavel, por quanto uma das obras mais delicadas do edificio não podia ser meramente destinada para armario.

(6) Vulgarmente lhe chamam o poço do castello; ácerca delle muitas fabulas se contam: alguns alli presmiram thesouros escondidos. Quem sabe se elle seria um saguão para dar claridade á escadaria de caracol: a sua fórma quadrangular o indica.

po sobre-humano de grandeza e formosura, que fôra por momentos revelado a Raphael, typo a que a morte de ordinario, por segredo inexcrutavel, dá um toque, um realce tão passageiro como a luz do relampago: Hasslinger exasperado verteu algumas lagrimas.

Neste curto intervallo soaram passos apressados: era o guarda que vinha acompanhado do velho, tido em conta de criado do estrangeiro, que ao ver o lugubre espectaculo, arrojou-se sobre o corpo de seu amo.

— «Bertram! Bertram [bradava com angustia] responde-me!...» —

— «Essa dor é intempestiva; [acudiu o pintor, muito admirado de tão familiar chamamento] feriu gravemente vosso amo; é preciso transporta-lo á cama: eu pessoalmente irei buscar um cirurgião a Munich.» —

E ia para sahir, quando o presumptivo creado levantando-se, e medindo-o com olhar displicente, lhe disse.

— «Sei bem o que heide fazer, senhor. Este infeliz nunca teve outro cirurgião senão seu pai. Quando meu filho tornar a si, explicar-nos-hemos de parte a parte.»

E ao dizer isto o velho, ajudado pelo guarda, ergueu com precaução o ferido; e o trasladaram á camera proxima. Hasslinger, assombrado, achou-se só com a lanterna, tendo os olhos fixos no sangue espargido, e parecendo-lhe que sahia d'um breve e espantoso pesadelo: então a lua, tão clara como na hora da sua chegada ao fatal castello, desembaraçava-se d'entre as nuvens, no horizonte alem da tapada. Esta circumstancia trouxe Guilhermina á desvairada memoria do pintor, que sem perda de momentos voltou para a granja.

A donzella estava deitada, mas um ardor lethal lhe girava nas veias; indizível delirio lhe agitava o cerebro, e proferia em alta voz. — Schleisheim... Bertram... meu irmão!...» —

— «Assalta-me a vontade de me despojar da vida odiosa! [exclamou o pintor partindo a folha de ferro ainda ensanguentada]. Matei um homem; ou pouco lhe falta... minha irmã, ao saber a morte delle, não lhe sobreviverá, e ainda que por viver forcejasse, não lhe sobrariam forças. Para que me detenho?!...» —

E armou uma das pistolas: tenteava já o gatilho, no salão da casa; eis que tocou cara a cara com o pai do mancebo inglez.

— «Venho fazer a minha declaração: [lhe disse gravemente o estrangeiro]... mas como está vossa irmã?...» —

— «E vosso filho?...» — perguntou com ariedade o pintor.

Ficaram por instantes em silencio, olhando um para o outro, como abalados por estas reciprocas interrogações. O ancião continuou: —

— «Meu filho perdeu muito sangue; mas vivirá: carece agora de completo descanso. Da parte delle aqui venho; e lá deixei o guarda a vigia-lo.»

— «Sois medico, senhor?... [interrompeu com acceleração o pintor, e como um tanto alliviado]... tratai de restabelecer minha irmã...» —

Entraram no quarto de Guilhermina: observado o estado da doente, o estrangeiro receitou, e a toda a pressa se expediu quem fosse a Munich pelo remedio. Tornando para o salão, Hasslinger diviso o primeiro alvor da manhã, e disse seccamente para o ancião: —

— «Se o permittir a saude de minha irmã, ás sete horas partirei desta morada funesta: o tempo é precioso; dai-vos pressa a fallar.» —

O medico enervou os braços, fazendo esta imprevisa pergunta.

— «Darieis, senhor, a mão de vossa irmã ao filho de um algoz?...» —

— «Que scena representâmos nós?... Que escarneo é este!» — Interrompeu o colerico Hasslinger, chegando-se ao velho com olhos chammejantes e ameaçadores.

— «Mancebo, não olheis assim para mim. O amor, causando as nossas desgraças, as confundiu; e como nos perdeu ambos, somos d'ora ávante inseparaveis na adversidade. Não ha que entrar o odio em nossos communs soffrimentos, porque não ha senão um meio de os alliviar, que é amar-nos.» —

E visivelmente transtornadas estavam as feições do velho, dando mostras de padecer tormento moral e abafado. Hasslinger condeou-se delle.

— «Apesar do que ha pouco me declarastes [disse o pintor] lembrar-me-hia que vosso filho não tem culpa do seu nascimento; alem de que prezo mais a ventura de Guilhermina que todas as preocupações do mundo.» —

— «Mas algoz!... E algoz d'um rei!...» — replicou o medico ironicamente.

— «De que rei fallais?... Mas... [replicou Hasslinger, como recordando-se subitamente de antiga e confusa lembrança] nos banhos de Liebwerta, na Bohemia, contaram-me ha pouco uma historia singular...» —

— «Conclui» — disse friamente o medico.

— «O algoz que degolou Carlos 1.^o ia mascarado... e foi o general Stoop.» —

— «Que passou para o continente ao serviço da França, e obteve o mando de um regimento de suissos... Mas, porque tremeis, senhor? Conclui.» —

— «Contaram-me tambem [e a voz d'Hasslinger descia a inflexões baixas e lugubres] que a familia do general, refugiada a principio na Suissa, depois vagabunda na Alemanha, permanecia fatalmente ha dois seculos, em suas gerações successivas, debaixo do anathema perpetuo da Providencia, e que a desgraça nella de algum modo eternisava a punição do regicidio, não lhe permitindo descanso, nem tão pouco que se extinguisse. Disseram-me mais que, por acerbidade da sorte, essa familia chegava quasi a tocar a meta da ventura, da opulencia, e até da gloria, mas que nunca a alcançava; que parece lhe eram dados felizes dotes meramente para lhe fazer mais pungente a esterilidade delles; que lutava constantemente no vacuo e com obstaculos sempre renascentes; que emfim, e este é o maior augo do infortunio, tendo principios religiosos, pelos quaes deixava de recorrer ao suicidio, resolvêra extinguir-se por si mesma, resistindo aos laços do amor e evitando os vinculos do matrimonio; mas que se lhe offereciam irresistiveis circumstancias em que se quebravam os seus votos. Eis-aqui o que me narraram na Bohemia; e não sei [acrescentou afastando-se do desconhecido, como por um impulso supersticioso] porque rasão todas estas recordações surgem agora como espectros ao redor de mim.» —

Hasslinger, religioso apesar de suas opiniões radicais, não ousava erguer os olhos, estremeçia ao cuidar que o general Stoop em pessoa lhe podia apparecer de pé sobre o enlutado cadafalso de Whitehall. Todavia era favoravel a hora para uma explicação decisiva: soçegára o delirio de Guilhermina, alguns suspiros cortavam ainda a sua respiração accelerada, porem mais indicavam ser o echo prolongado da sua dor e enfermidade que a reacção de um sonho afflictivo. O medico, tendo aberto cauteloso a porta da alcova, em que Guilhermina

reousava, examinou estes indícios, e voltando a passos lentos para a sala, foi tomar lugar no canto mais escuro, defronte do estudante de Gottinga, que pela primeira vez em sua vida teve medo.

— «A rua do palacio de Whitehall, em Londres, [começou o velho com accento de interior resignação] fôra escolhida, como não ignorais, para theatro da execução do desditoso Carlos 1.^o Soldados enfileirados faziam cerco ao cadafalso, e continham e repelliam as turbas, que se acotovelavam n'um espaço estreito em demasia para tamanha multidão. Na primeira ordem de espectadores estava Bertram Stoop, filho unico do general Stoop, com seu filho Guilherme, menino de dez annos. Bertram, leal cavalleiro, um dos mais firmes e zelosos fautores do partido delrei Carlos, homem já aos trinta annos curtido dos pezares domesticos, politicos e da guerra, quizêra acompanhar seu amo naquelle transe cruel; e entrando em Londres disfarçado, arriscando a sua cabeça proscripita, chegára até alli, e pertendêra mostrar a seu filho o mais assignalado exemplo da barbaridade da epocha, e a invicta constancia do rei martyr.

«Antes de proseguir mais no caso, devo advertir-vos que o general Stoop, logo que rebentou a guerra entre Carlos e o parlamento, se apartára abertamente da causa do monarcha, que seu filho tinha abraçado, e sem dar conta á sua familia daquelle traição inesperada: em seu coração substituirá á antiga lealdade da sua casa um rancor violento e pessoal contra o rei por injurias pela maior parte suppostas. Quiz o céu, ao menos, que em campos de batalha não tivessem encontro o pai e o filho; mas parece que o céu se cançára da sua misericórdia; parece que o destino do malfadado Carlos devia ser para Stoop e os seus fonte inexhaurível de extraordinarias desventuras.»

«No momento em que o monarcha alçava os braços para dar signal aos executores, Bertram como que se persuadiu divisar em um movimento nervoso do carrasco um gesto familiar ao general Stoop: inudou-se-lhe a fronte de bagas de suor frio: na fauce abrazada reprimiu um grito de raiva e dôr: mas quando, ao mostrar a cabeça ensanguentada, ouviu na voz do algoz distinctamente a voz de seu pai proferir aquellas horribes palavras, que a historia conservou, redobrou o tormento, e agonia de espirito de Bertram.»

O velho então repetiu a celebre phrase do algoz de Carlos com vivo accento d'abominação e horror, por fórma que suspendeu o discurso para desaffrontar-se dos gemidos que lhe anceavam o peito. No entanto, Hasslinger, aterrorisado, passeava a passos largos pela sala, parecendo querer evitar o restante da confidencia: mas o ancião continuou nestes termos.

— «A voz do carrasco tropejára nos ouvidos de Bertram e lhe coára pelos seios d'alma; mas ainda assim a desesperação vacillava em duvidas; o algoz vinha mascarado. Bertram quizeria, para seu absoluto e tremendo desengano, trepar ao tablado e desmascarar o assassino em frente do cadaver mutilado da victima. Vañ seria a temeridade; impotentes os esforços! Os soldados dispersaram a multidão; o cadaver, o assassino, os vestigios do sangue e o cadafalso em breve desapareceram; as testemunhas da tragedia gradualmente desampararam a rua de Whitehall, ficando só Bertram e seu tenro filho, vagueando entre sombras no circuito do palacio, demandando ás trevas da noite, ás muralhas do edificio, ao vento que sibilava, aos longiquos rumores daquelle drama homicida, o minimo vestigio, a pro-

va a mais imperceptível com que podessem auctorisar a innocencia d'um pai, e a honra d'uma illustre familia, provando a ausencia do general. Mas o silencio da natureza inteira era a unica resposta que obtinham em sua horrorosa incerteza. Bertram e seu filho sahiram das immedições de Whitehall, e logo da cidade de Londres, levando consigo a duvida tenaz, como a farpa da setta encravada na ferida, acompanhados em sua fuga pela voz misteriosa do algoz, sempre ouvida, como os sons inextinguiveis d'um echo mil vezes repercutido.

«Correram os annos: não se ouvia fallar no general Stoop; seus filhos e familia sepultaram em obscura vida a memoria do crime incognito, que lhe pesava na consciencia e na fama. Entretanto Cromwell (*) florecêra e passára; igualmente foram transitorios Carlos 2.^o, Jacob 2.^o, e os ultimos da geração dos Stuarts; satisfizeram todos a natural condição dos successos humanos: a Casa d'Hanover se firmára em seu real destino: quasi um seculo tinha sido bastante para desterrar as recordações da republica ingleza. Sobrevivia então só um descendente do general Stoop, seu bisneto Bertram, distincto official do exercito de Jorge 2.^o, bom cavalleiro, mas pobre, porque os titulos, que proclamavam seus direitos á maior parte dos bens de seu avô desapareceram no dominio de Cromwell, quando se dissipou este aventureiro: ignorava a mancha que em sua descendencia deitára o general, porque Guilherme, seu pai, o menino testemunha e ouvinte em Whitehall, morrêra de magoa, mas silencioso como o sepulchro.

«Bertram Stoop achou-se na batalha de Dettigue em 1745; pareceram-lhe bem tomadas as providencias do marechal de Noailles, o que não escondeu a Jorge 2.^o: depois da victoria naturalmente lhe levaram a mal previsões que o resultado não justificára: cahindo no desagrado, retirou-se da côrte, e annunciou a sua proxima partida para uma pequena fazenda, que possuia na Escocia. Estando disposto a pôr-se a caminho, á hora do jantar por despedida com alguns amigos, entregaram-lhe um bilhete escripto em lettra desconhecida, no qual instantemente lhe pediam uma conferencia naquella noite em certa rua solitaria da cidade. As ultimas circumstancias da sua carreira militar lhe impunham o dever de não recuar perante qualquer perigo: alem disso o recado fôra lido em alta e intelligivel voz, sob a influencia dos vinhos de França, na roda dos convidados moços e calorosos do ex-valido de Jorge 2.^o: não havia que hesitar. Stoop lançou mão da espada, vedou expressamente que o seguissem, e caminhou resolute para o sitio indicado.»

(Concluir-se-ha.)

NOVA CASTA DE ESTRUME.

RECONHECIDO está que não sendo todas as terras de natureza igual, precisos são adubos diferentes, apropriados ás suas qualidades e aos productos que se quer tirar dellas; que nos pantanos e logares humidos necessarios são outros estrumes, que não os que se empregam em logares seccos; que as terras seccas e friaveis pedem amanhos diferentes dos das terras fortes e gordas; e que em fim a maior parte dos adubos ou estrumes destinados para as diferentes especies de terras, em que devem principalmente ser empregados, difficilmente se podem conservar. Resulta da distancia dos logares, da difficuldade da

(*) Vid. a sua biographia a pag. 91 do vol. 2.^o.

conservação e dos transportes, e algumas vezes também da escassez de certos estrumes, que os adubos precisos e próprios para as terras fiquem frequentes vezes muito caros, o que é prejudicial á agricultura. O que porem corresponderia ás precisões do lavrador e do vinhateiro, satisfazendo-as, seria um estrume composto de muitas materias, barato e inalteravel; deveria elle ser applicavel a todas as especies de terras, tanto ás araveis e proprias para cereaes, como ás vinhas e prados, combinando algumas das partes que o compõem e rejeitando outras, segundo a natureza e as produções do terreno. Este estrume está descoberto: as materias que o compõem, tem sido algumas vezes empregadas nesse uso; mas o que o distingue dos outros é a sua facil applicação a todas as terras, por meio da mistura proporcional das suas partes, e em fim pela vantagem de se conservar, e ser barato em todo o decurso do anno.

Composição e uso deste estrume.

Terras araveis.

Misturam-se em cem libras de cal morta com agua do mar vinte e cinco libras de carvão animal, que tenha servido na refinação, e quinze libras de cinza provenientes de hervas marinhas; estando estas materias bem misturadas, fazem-se seccar ao ar, e reduzem-se a pó. O carvão que entra na composição deste estrume, alem da vantagem de ser mui proprio para este uso, tem ainda a de ser muito barato, por isso que em todas as cidades os refinadores por vil prego se queriam ver desembaraçados dos residuos de refinação, os quaes com facilidade se podem transportar para onde se quizer. Para as terras ligeiras e arenosas as cinzas das hervas marinhas não entram na mistura; emprega-se a cal e o carvão nas mesmas proporções acima ditas, e fazem-se passar pelas mesmas operações.

Prados.

Em agua do mar contida em qualquer vasilha de madeira lançam-se cem libras de gesso calcinado e reduzido a pó, e trinta libras de carvão animal tendo já servido na refinação, duas pessoas são necessarias para esta operação, uma para lentamente lançar na agua o gesso e o carvão, e a outra para mexer continuamente a mistura, a fim de que o gesso se não vá amontoar no fundo da vasilha. Quando esta mistura fica bem grossa derrama-se no chão, para que o gesso não fique pegado ao fundo da vasilha, e faz-se seccar ao sol ou em forno: reduz-se depois a pó, e este estrume é muito conveniente aos prados. Para terrenos ligeiros empregam-se as mesmas materias, mas alterando-se as proporções: quinze libras de carvão animal residuo de refinação, em logar de trinta, para as cem libras de gesso.

Vinhas. — Terrenos ligeiros arenosos.

É mister observar o seu estado antes de empregar o estrume: se tem sido despresadas e não tem sido cavadas com pá, é inutil aquece-las por meio deste adubo. De cem libras de marne reduzido a pó tomam-se unicamente sincoenta, que se lançam em agua do mar, faz-se seccar esta mistura ajuntando-lhe as outras sincoenta libras, que tinham ficado reservadas, e reduz-se depois a pó.

Vinhas. — Terrenos fortes.

A cem libras de marne reduzido a pó e diluido em agua de mar, ajuntem-se vinte e cinco libras de carvão animal servido na refinação. Sêcca que esteja esta mistura e reduzida a pó, dois punhados della são sufficientes para cada cêpa: será porem duplicada a doze se forem muito grossas: á intelligen-

cia do cultivador se deixa a applicação da quantidade.

DA DESTRUIÇÃO DAS PLANTAS PARASITAS NAS TERRAS ARAVEIS.

Os MAIORES inimigos que tem os cultivadores são as plantas que se multiplicam pelas suas raizes: a mais incommoda e a mais nociva é a grama. Póde diminuir-se consideravelmente a quantidade dellas por meio de um pousio sem dar á terra amanho algum durante um verão inteiro, em que haja extraordinarias secas; raras vezes porem ha uma estação tão ardente, que possa produzir este efeito; imprudencia será pois da parte dos cultivadores o collocar-se debaixo da dependencia de um acontecimento tão incerto, como é um verão mui secco e ardente, mas deverão esforçar-se em limpar as suas terras em qualquer estação. O resultado de nimia confiança n'uma secca excessiva, que destrua a grama, seria com toda a certeza o ver o lavrador na sua terra mais herva do que trigo, ou do que outra qualquer planta, que lhe houvesse confiado. Os máus cultivadores limitam-se a cortarem estas plantas em logar de as destruir. Muitas vezes temos visto lutar por este modo contra ellas com perseverança por alguns annos, e as hervas e a pobreza do rendeiro augmentarem-se simultaneamente até que o ultimo venha a tornar-se insolvel. Um bom cultivador não dá ás plantas nocivas tempo de se renovarem, ataca-as com energia, e não afraça em seus esforços até que as tenha inteiramente destruido. Não se deve permitir ás plantas vivaces o assegnorearem-se do terreno; será mister fazer-lhes guerra de exterminio em toda a parte onde principiarem a apparecer; os arados, as grades, as enxadas, devem ser empregadas em tempo opportuno para as trazer á superficie da terra, onde não se deve mesmo consentir que se demorem. É mister reuni-las em montes com ancinhos e ajuntar com a mão as mais pequenas parcelas, que podessem escapar ao instrumento; carregam-se para perto da casa, onde serão metidas debaixo de montes de estercos, ou então queimam-se, o que vem a ser quasi tão bom; e espalham-se as suas cinzas pelo campo mesmo, com o que se economizam as despezas e as difficuldades do transporte. Estas lavras, auxiliadas pela cultura em repouso e as colheitas sachadas, limpam perfeitamente as terras as mais sujas, e com uma pouca de attenção nos seguintes annos se conservarão sempre em bom estado.

Muitos milhares de geiras de terreno em torno do Londres em o raio de 10 ou 12 milhas são cultivadas desta excellente maneira, e conservadas em estado de limpeza tal, que as livra da invasão das plantas parasitas.

Motivo algum deve desviar o fazendeiro do cuidado de extirpar todas as raizes vivazes das suas terras araveis; se a contrariedade das estações não lhe permite o conseguir isso no decurso de um semi-pousio, necessario é cultivar muitos annos seguidos no mesmo campo nabos grossos, côuves e batatas, até que esta ultima raiz seja arrancada. Pretexto algum de economia o deve arredar da vereda, que lhe havemos traçado, para seguir outra qualquer menos dispendiosa. O grande esforço que lhe aconselhamos produz resultados taes, que para o futuro, sem ser necessaria grande attenção e quasi que sem despeza, o seu terreno se conservará constantemente no maior e melhor estado de limpeza.

D. PEDRO E D. JOÃO DO CARVAJAL.

(Romance historico.)

1312.

I

Exposição.

Dividira assim os descendentes de Caím, peccador, dos de Seth, virtuoso, por que a companhia dos maus não pervertesse os bons.

Antonio de Sousa de Macedo. —
Eva e Aéc. — Cap. 48.

REINAVA em Castella D. Fernando o quarto. Os bandos e partidos, que por tanto tempo haviam assolado as formosas terras de Hespanha, haviam emfim cedido a seu braço poderoso. D. João de Lara, que por si valia muitos conspiradores, e D. Diogo de Haro, o turbulento, tinham ou pareciam ter cedido de seus projectos revoltosos. As alianças e consorcios feitos em Aragão e Portugal, escudavam o reino contra a guerra estrangeira. Murcia, Cordova e Sevilha, as tres bellissimas joias da coroa de Castella, fulguravam engastadas no diadema do seu rei. Enfraquecidos e quebrantados, encolhiam-se os mouros encerrando-se em suas cidades. Gosava emfim a monarchia de S. Fernando de um desses breves momentos de descanso, que tão raros fizera a turbulencia e ambição dos senhores poderosos, e a visinhança dos sarracenos inquietos, descanço por ventura apparente, e que occultava em si muita intriga tenebrosa, muita negra perfidia. As pertençaes exaggeradas das familias nobres tinham gerado odios, que nellas se conservavam fanaticamente transmittidos de pais a filhos, legados com a vida, ensinados com o leite, e escriptos e alimentados com o sangue. — Era um seculo de paixões desenfreadas.

Estava a corte em Burgos — a nobre capital da velha Castella — que parece descer das serras a banhar-se nas rapidas aguas do Arlanzon, cuja torrente espumosa, em seu leito apertado, lá vai correndo pela planicie: ou antes semella no alongar de seus dois braços, estendidos em meia lua pela encosta abaixo, querer abraçar as formosuras do valle. Duas familias de fidalgos, ambas poderosas por sua nobreza, por sua casa e valimento, attrahiam as particulares attençaes de quantos tinham na córte cargo e nome. Eram as duas familias igualmente nobres e igualmente apparentadas com reis e principes, mas tão differentes em caracter, acções e pensamentos, que se o odio as não dividira, dividira-as contrarias e oppostas inclinações de cada uma. D. Pedro e D. João do Carvajal, mancebos ambos e herdeiros unicos do seu grande nome, tinham por si quantos ainda em Castella pensavam recta e saãmente: D. João de Lara e os seus, todos os que a ambição desvaivava, o ouro cegava e os crimes embriagavam. Aos primeiros unira-se Benavides, homem probo e honrado, que chegára — cousa rara! — por suas virtudes aonde os outros chegam por seus enredos. Ligára-se com os segundos D. Diogo de Haro, poderoso senhor, que sonhava maior poder, e que esperava nas luctas e dissensões dos grandes aproveitar todos os farrapos das alheias fortunas, rasgadas furiosamente, para as incorporar na sua, já sobrada para o repouso da Castella.

Breve e succintamente buscámos dar ao leitor, antes de começarmos a nossa acção, a idéa da epocha e das personagens que lhes faremos passar por baixo dos olhos, permitta-nos agora o entrarmos na vida dessas personagens e dessa epocha.

*

«Aonde vás, irmão meu, e porque tomas assim a tua espada de Toledo e o teu arnez de Milão? — Não ouves como a chuva cabe lá fóra? Escura e tenebrosa vai a noite, nem verias luzir um ferro, nem terias olhos para espreitares uma cilada, nem terias ouvidos para presentes uma traição. Cuidado, irmão, não saias; os Laras não dormem; vigiam nas sombras como o leopardo e o tigre, e a noite da tempestade pôde tambem ser a noite do delicto. Sempre que o trovão rebomba no céu, cá na terra troveja o crime na alma de um Lara. Seu alcaçar soberbo está cingido com um cinto de punhaes, que arremeça para longe, quando a voz de seus cruéis senhores determina uma traição e a sua mente medita uma perfidia. Não saias, irmão, ou se saihes, leva contigo os teus mais fieis escudeiros e os mais seguros homens d'armas.»

«Aonde eu vou, irmão, ninguem pôde seguir-me.»

«Ninguem — nem mesmo eu, teu amigo, eu teu irmão de alma, eu teu companheiro de perigos e aventuras?»

«Nem tu mesmo, irmão.»

«Então, S. Thiago te proteja, porque é força que seja ou bem arriscada ou bem criminosa a acção que vais assim obrar no meio das trevas e da tormenta, para que por tal modo m'a encubras e me regeites.»

Eram os que assim praticavam os dois irmãos, D. Pedro e D. João do Carvajal. O primeiro, inquieto e cuidadoso, interrogando affectuosamente o irmão, que na sala d'armas do seu alcaçar procurava o arnez de mais rija tempera e a espada de mais fino córte. O segundo, respondendo constrangido e apressado, como quem já lhe tardava o ver-se a braços com alguma empreza de grande interesse. No rosto energico do primeiro lia-se o desvelo da amizade. Na fronte gentil do segundo poderia o observador ver passar uma nuvem pesada de amargura e tristeza, ás vezes misturada com indizível expressão de arrependimento e pesar, ás vezes como inculcandor profunda de remorso combatido em vão. Que meditaria elle? sabe-lo-hemos se continuarmos a escutar-lhes o dialogo. D. João foi o primeiro que fallou.

«Tu, irmão, que tão bons conselhos e tão prudentes me dás agora, tu mesmo tens feito como eu, tens sahido á noite, e só, tens afrontado os rigores da tempestade e os punhaes dos Laras, tens ousado chegar-te ao cinto perigoso do alcaçar, sem receares que um só se despregasse dalli para vir pregar-se em teu coração.»

«Tenho affrontado a noite, as traições e a tormenta, irmão, porem nunca só.»

«Nunca só!»

Aqui a voz de D. João abalou-se sensivelmente como por um grande receio ou sobresalto. D. Pedro proseguiu.

«Nunca só, nunca! — e o nobre mancebo chegando-se a seu irmão que cada vez mais se turbava e tomando-lhe a mão com singular ternura assim continuou. — Pensas, irmão, que não notei teus cuidados? Julgas que n'este coração não pôde vingar o amor senão á custa da amizade? Que enganado que estás, irmão! Quando eu encoberto com o manto da noite me chegava ao palacio de Lara, porque tu o sabes, irmão — ahí me levava um pensamento que senão fóra inspirado por um anjo seria talvez culpado, talvez offensivo, para as cinzas de nossos avós — quando alvoroçado e tendo n'alma o para-

so me aproximava do alcaçar fatal, eu bem te via irmão seguindo-me teimosamente, espreitando todos os meus passos, afferrando-te á minha sombra como o meu anjo da guarda, via-te e dizia commigo que generosa alma é aquella! Como me acompanha nos riscos e passa longas horas de espera no silencio e nas sombras para velar pela vida de seu irmão que se embriaga com as delicias de um mutuo amor.... Ah! irmão, mas eu agradecia-to na alma e nos meus momentos solitarios pedia a Deus que te pagasse teus desvellos porque só elle tos podia pagar.

«Irmão!....» e D. João parecia anciado e afflicto.

«Não me interrompas.—Em quanto todo embebido nos dulcissimos amores d'essa que a colera de Deus fez, por mau fado meu, nascer com um nome inimigo, Yolanta de Lara, da luz da minha vida, da vida de meu coração, via transluzir-me o céu atravez da estreita gelosia, e resgatava largos dias de tormentos por breves horas de ventura; em quanto a mim me esquecia que estava junto dos Laras, dos seus punhaes e dos seus satellites, tu lembravas-te, irmão.... e vigiavas pela minha salvação.... e aprestavas-te a fazeres de teu corpo um escudo....»

«Ah! irmão! irmão!....»

«Não me interrompas.... Sim esses eram teus pensamentos.... essas as tuas intenções.... E que outras poderiam ser, quando outras quaesquer seriam criminosas?! Que outras te acudiriam a ti de alma tão pura, de tão nobre coração, de tão ferozosa generosidade. Se por ventura me viessem dizer D. João de Carvajal atraiçoa seu irmão, D. João é um confidente desleal porque tendo recebido em deposito o segredo de seu irmão, o seu melhor amigo, abusou d'elle para tecer projectos de damnada tenção, D. João em vez de velar para proteger seu irmão vigia para perturbar seus santos e nobres amores, que elle sabe serem correspondidos, cuja pureza conhece, cujos fins não ignora; D. João sem esperança passa todas as noites junto de seu irmão alimentando idéas insensatas, fuge da sua presença para voar ao logar em que assim gasta lentamente a razão e a virtude, minando-as pouco a pouco e surdamente com suas imaginações perigosas d'uma paixão desassizada, impossivel, e atroz!—

«É verdade, é verdade»—prorompeu D. João tapando o rosto com as mãos e tremendo em todo o seu corpo como se uma convulsão o tomasse.—D. Pedro continuou sem reparar e mudando subitamente da sobre-humana exaltação com que d'antes fallára para acabada expressão de affecto e ternura.

«Se me viessem dizer tal como eu riria, e como tu riras irmão, vendo a cegueira dos que assim te accusassem sem pensarem na infamia de semelhante proceder, no desespero de duas almas puras, na cruzada do espectáculo que se lhe seguiria, na perdição e na deshonra d'uma mulher formosa como os cherubins do throno de Deus, innocente como elles e como elles bmfazeja e consoladora, sem lhes vir á memoria a eterna desgraça de dois amigos sacrificados ambos pela leveza de um só, nos odios desnaturados, nos horrores de tal posição, no abysmo aberto entre esses d'antes tão unidos, tão uns, e tão irmãos.... como eu riria e como tu ririas.»

Mas D. João não ria, chorava do coração, e as lagrimas de seus olhos desvairados desciam-lhe em fio pelas faces inflamadas.—D. Pedro proseguiu como se tal não vira.

«Como tu ririas ainda de dó, se soubesses que duvidavam da tua honra e te julgavam um d'esses

cavalleiros desleaes que vendem o corpo por um punhado de ouro, e a alma por um cego capricho; e apregoaavam pelas ruas o teu nome como nome de felão e de traidor, e te haviam por fraticida—porque, irmão, de certo o serias se os que dissessem isso fossem verdadeiros; de certo o serias, não pelo ferro ou pelo veneno, mas pela dôr e pela vergonha.—Como tu ririas de compaixão contemplando a miseria dos embustes que ouvisses, das palavras insensatas com que te accusassem de perfido irmão e de amigo ingrato, e os inconsiderados ditos dos que te ponderassem o hediondo folgar d'esses Laras infames, quando soubessem que um Carvajal fôra mais infame do que elles, quando soubessem que a desunião, e uma affronta de sangue feita de irmão para irmão, tinha entrado n'uma familia cujos avós honrados e virtuosos sempre lograram a estima de todos os tempos, e as benções mais sãs do povo, quando emfim fossem dizer-lhes «esses homens justamente ufanos de sua virtude e probidade, pô-lo um só crime mais baixos e chãos do que a vós toda uma vida de delictos.»... Como ririas, irmão, como ririas....»

D. João soluçava convulsamente e atravez dos dedos abertos sahiram-lhe dos labios pregados n'elles, gemidos espedaçados, que cortavam o coração.

D. Pedro continuou:

«Se fosse a mim que tal accusação se dirigisse voltaria as costas aos que m'o viessem dizer e responder-lhes-ia: é falso quanto ahí dizeis D. João de Carvajal é um irmão leal, um amigo sincero, um fiel confidente: D. João não sabe o que são taes crimes: D. João....»

«E um vil, um infame, um indigno, um sacrilego que mata a boa fama dos seus e abusa dos mais santos deveres, do amigo melhor, do mais nobre homem de todas as Hespanhas.—Disse D. João erguendo a fronte com formosa indignação contra si mesmo.

«Sim, irmão, continuou elle, é força que tudo te confesse—e arrojou-se-lhe aos pés.—Opprime-me com todo o peso da tua colera, affasta-me para longe, meu generoso irmão, priva-me da tua vista e do teu affecto; tudo te mereço, e mereço ainda mais. Agora não me poderás embaraçar que te diga tudo e tudo deponha a teus pés.... Se isso te dissessem diriam pouco, porque em quanto tu em tua generosidade me julgavas cumprindo um dever, exercias uma infamia, porque o que eu ia fazer todas as noites quando te seguia, o que mesmo n'esta hora me levava para junto do palacio dos Laras, o que me obrigava a deixar-te, e desprezar teus conselhos e encher-te a alma de cuidados, era um crime, sem esperança—eu te asseguro, irmão—eu te juro pelos ossos de nosso pai e pela memoria da nossa mãe—a idéa que n'esta hora me inspirava, a mim cego e louco, a quem nunca um olhar ou uma palavra foi dirigida, que podesse dar vigor a meus projectos sem siso, era a idéa de vê-la.... ao teu anjo.... á tua inspiração.... ao genio bom de nossos inimigos, á unica digna de ti.... A Yolanta de Lara.

«Já o sabia!....» respondeu tranquillamente D. Pedro.

Passaram-se instantes.... e os dois contemplavam-se silenciosos.... e por fim cahiram nos braços um do outro.

Eram exemplo tocante de affecto e arrependimento. Viu-os Deus e abençoou-os.

S. Leal J.^o
(Continuar-se-ha.)